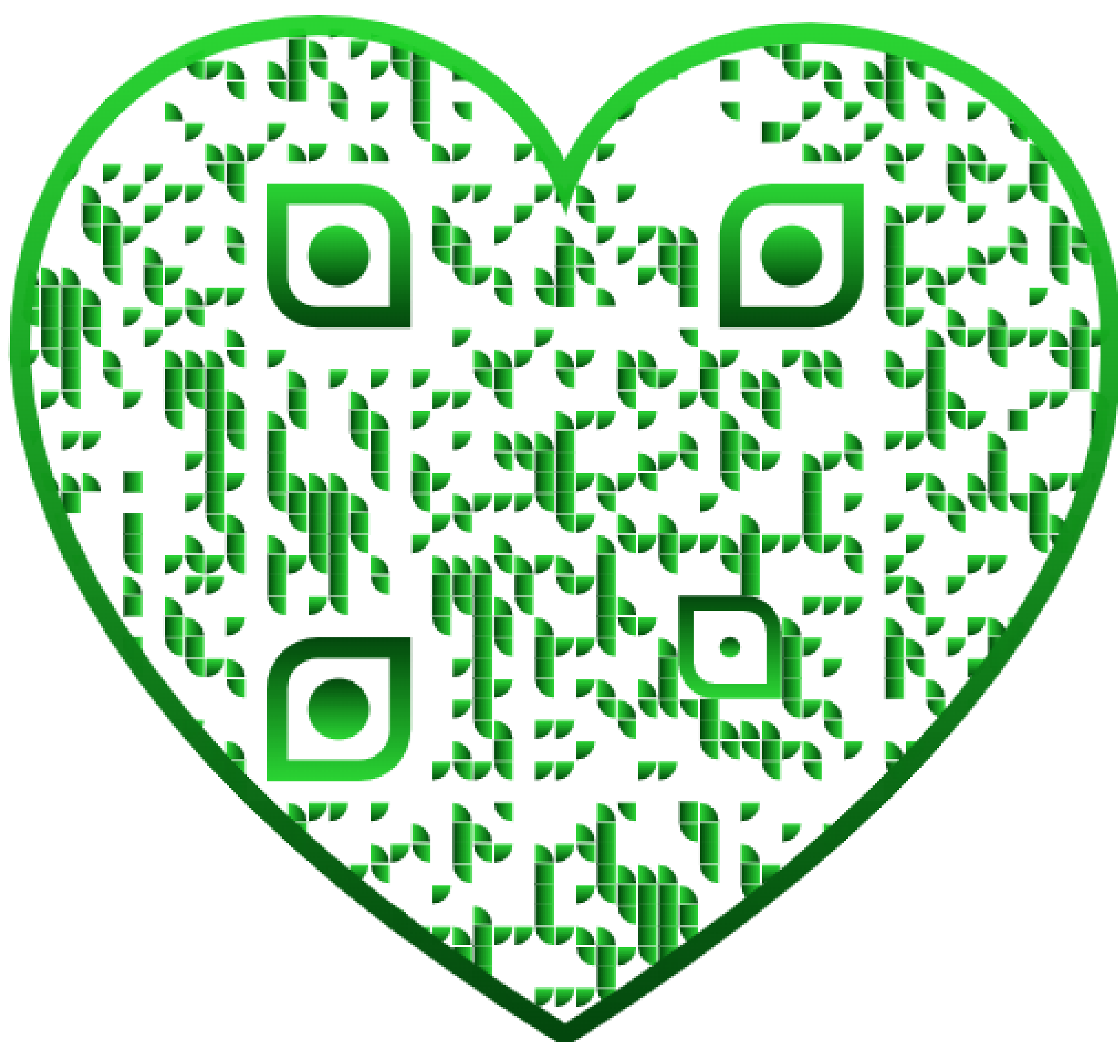
Sophia de Mello Breyner Andersen

Mar novo

(1958)



I

Perfeito

Perfeito é não quebrar
A imaginária linha

Exacta é a recusa
E puro é o nojo.

É o teu rosto

É o teu rosto ainda que eu procuro
Através do terror e da distância
Para a reconstrução de um mundo puro.

Senhor

Senhor se da tua pura justiça
Nascem os monstros que em minha roda vejo
É porque alguém te venceu ou desviou
Em não sei que penumbra os teus caminhos

Forma talvez anjos revoltados.
Muito tempo antes de eu ter vindo
Já se tinha a tua obra dividido

E em vão eu busco a tua face antiga
és sempre um deus que nunca tem um rosto

Por muito que eu te chame e te persiga.

Encruzilhada

Onde é que as parcas fúnebres estão?
Eu vi-as na terceira encruzilhada
com um pássaro de morte em cada mão.

Cante jondo

Numa noite sem lua o meu amor morreu
Homens sem nome levaram pela rua
Um corpo nu e morto que era o meu.

Marinheiro sem mar

Longe o marinheiro tem
Uma serena praia de mãos puras
Mas perdido caminha nas obscuras
Ruas da cidade sem piedade

todas as cidades são navios
Carregados de cães uivando à lua
Carregados de anões e mortos frios

E ele vai baloiçando como um mastro
aos seus ombros apoiam-se as esquinas
Vai sem aves nem ondas repentinas
somente sombras nadam no seu rastro

Nas confusas redes do seu pensamento
prendem-se obscuras medusas
morta cai a noite com o vento

E sobe por escadas escondidas
E vira por ruas sem nome
Pela própria escuridão conduzido
com pupilas transparentes e de vidro

Vai nos contínuos corredores
Onde os polvos da sombra o estrangulam
E as luzes como peixes voadores
O alucinam.

Porque ele tem um navio mas sem mastros

Porque o mar secou
Porque o destino apagou
O seu nome dos astros
porque o seu caminho foi perdido
O seu triunfo vendido
E ele tem as mãos pesadas de desastres

E é em vão que ele se ergue entre os sinais
buscando a luz da madrugada pura
Chamando pelo vento que há no cais

Nenhum mar levará o nojo do seu rosto
as imagens são eternas e precisas
em vão chamará pelo vento
Que a direito corre pelas paias lisas

ele morrerá sem mar e sem navios
Sem rumo distante e sem mastros esguios
Morrerá< entre paredes cinzentas
Pedaços de braços e restos de cabeças
Boiarão na penumbra
das madrugadas lentas

E ao norte e ao sul
E ao leste e ao poente
Os quatro cavalos do vento
Sacodem as suas crinas

e o espírito do mar pergunta:
"que é feito daquele
Para quem eu guardava um reino puro
De espaço e de vazio
de ondas brancas e fundas
e de verde frio?"

ele não dormirá na areia lisa
Entre medusas, conchas e corais

ele dormirá na podridão
E ao norte e ao sul
e ao leste e ao poente
Os quatro cavalos do vento
Exactos e transparentes
O esquecerão

Porque ele se perdeu do que era eterno
E separou o seu corpo da unidade
E se entregou ao tempo dividido
Das ruas sem piedade.

O teu rosto

Onde os outros puseram a mentira
Ficou o testemunho do teu rosto
Puro e verdadeiro como a morte

Ficou o teu rosto que ninguém conhece
O teu desejo sempre anoitecido
Ficou o ritmo exacto da má sorte
E o jardim proibido.

A bela e pura

A bela e pura palavra Poesia
Tanto pelos caminhos se arrastou
Que alta noite a encontrei perdida
Num bordel onde um morto a assassinou.

Profetas falsos

Profetas falsos vieram em teu nome
Anjos errados disseram que tu eras
Um poema frustrado
Na angústia sem razão das primaveras

Porém eu sei que tu és a verdade
E és o caminho transparente e puro
Embora eu não te encontre e no obscuro
Mundo das sombras morra de saudade.

As três parcas

As três parcas que tecem os errados
Caminhos onde a rir atraiçoamos
O puro tempo onde jamais chegamos
As três Parcas conhecem os maus fados.

Por nós elas esperam nos trocados
Caminhos onde cegos nos trocamos
Por alguém que não somos nem amamos
Mas que presos nos leva e dominados.

E nunca mais o doce vento aéreo
Nos levará ao mundo desejado
E nunca mais o rosto do mistério

Será o nosso rosto conquistado
Nem nos darão os deuses o império
Que à nossa espera tinham inventado.

II

Assim em suas mãos

Assim em suas mãos nos troca a vida
E quem já nem em sonhos conhecemos
Longe se perde nos confins extremos
Da grande madrugada prometida

Assim em suas mãos nos troca a vida.

Liberdade

Aqui nesta praia onde
Não há vestígio de impureza,
Aqui onde há somente
Ondas tombando ininterruptamente
Puro espaço e lúcida unidade,
Aqui o tempo apaixonadamente
Encontra a própria liberdade.

Ausência

Num deserto sem água
Numa noite sem lua
Num país sem nome
Ou numa terra nua

Por maior que seja o desespero
Nenhuma ausência é mais funda do que a tua.

Meditação do Duque de Gandia sobre a morte de Isabel de Portugal

Nunca mais
A tua face será pura limpa e viva
Nem o teu andar como onda fugitiva
Se poderá nos passos do tempo tecer.
E nunca mais darei ao tempo da minha vida.

Nunca mais servirei senhor que possa morrer.
A luz da tarde mostra-me os destroços
do teu ser. Em breve a podridão
Beberá os teus olhos e os teus ossos
tomando a tua mão na sua mão.

Nunca mais amarei quem não possa viver
sempre
Porque eu amei como se fossem eternos
A glória, a luz e o brilho do teu ser
amei-te em verdade e transparência
E nem sequer me esta a tua ausência
És um rosto de nojo e negação
E eu fecho os olhos para não te ver

Nunca mais servirei senhor que possa morrer.

Nunca mais

Nunca mais te darei o tempo puro
Que em dias demorados eu teci
Pois o tempo já não regressa a ti
E assim eu não regresso e não procuro
O deus que sem esperança te pedi.

A anémona dos dias

Aquele que profanou o mar
E que traiu o arco azul do tempo
Falou da sua vitória

Disse que tinha ultrapassado a lei
Falou da sua liberdade
Falou de si próprio como de um Messias

Porém eu vi no chão suja e calcada
A transparente anémona dos dias.

O soldado morto

Os infinitos céus fitam seu rosto
Absoluto e cego
E a brisa agora beija a sua boca
Que nunca mais há-de beijar ninguém.

Tem as duas mãos côncavas ainda
De possessão, de impulso, de promessa.
Dos seus ombros desprende-se uma espera.
Que dividida na tarde se dispersa.

E a luz, as horas, as colinas
São como pranto em torno do seu rosto
Porque ele foi jogado e foi perdido
E no céu passam aves repentinas.

Não te ofenderei

Não te ofenderei com poemas
Param os meus olhos quando penso em ti
Não farei do meu remorso um canto

Com árvores e céus mas sem poemas
Demasiado humano para poder ser dito
O teu mundo era simples e difícil
Quotidiano e límpido

Aquele que partiu

Aquele que partiu
Precedendo os próprios passos como um jovem morto
Deixou-nos a esperança.
Ele não ficou para connosco
destruir com amargas mãos seu próprio rosto
Intacta é a sua ausência
Como a estátua de um deus
Poupada pelos invasores de uma cidade em ruínas
ele não ficou para assistir
À morte da verdade e à vitória do tempo
que ao longe
Na mais longínqua praia
Onde só haja espuma sal e vento
Ele se perca tendo-se cumprido
Segundo a lei do seu próprio pensamento

E que ninguém repita o seu nome proibido

Este é o tempo

Este é o tempo
Da selva mais obscura

Até o ar azul se tornou grades
E a luz do sol se tornou impura

Esta é a noite
Densa de chacais
Pesada de amargura

Este é o tempo em que os homens renunciam.

III

Porque

Porque os outros se mascaram mas tu não
Porque os outros usam a virtude
Para comprar o que não tem perdão.
Porque os outros têm medo mas tu não.

Porque os outros são os túmulos caiados
Onde germina calada a podridão.
Porque os outros se calam mas tu não.

Porque os outros se compram e se vendem
E os seus gestos dão sempre dividendo.
Porque os outros são hábeis mas tu não.

Porque os outros vão à sombra dos abrigos
E tu vais de mãos dadas com os perigos.
Porque os outros calculam mas tu não.

Marinheiro real

Vem do mar azul o marinheiro
Vem tranquilo ritmado inteiro
Perfeito como um deus,
Alheio às ruas.

Biografia

Tive amigos que morriam, amigos que partiam
Outros quebravam o seu rosto contra o tempo.
Odiei o que era fácil
Procurei-me na luz, no mar, no vento.

Corpo

Corpo serenamente construído
Para uma vida que depois se perde
Em fúria e desencontro vivido
Contra a pureza inteira dos teus ombros.

Pudesse eu reter-te no espelho
Ausente e mudo a todo outro convívio
Reter o claro nó dos teus joelhos
Que vão rasgando o vidro dos espelhos.

Pudesse eu reter-te nessas tardes
Que desenhavam a linha dos teus flancos
Rodeados pelo ar agradecido.

Corpo brilhante de nudez intensa
Por sucessivas ondas construindo
Em colunas assente como um templo.

Poema inspirado nos painéis que Júlio Resende desenhou para o Monumento que devia ser construído em Sagres

I

Nenhuma ausência em ti cais da partida
Movimento ritual, surdo rumor de búzios
Alegria de ir vero êxtase do mar
com suas ondas-cães, seus cavalos
suas crinas de vento,
seus colares de espuma
seus gritos, seus perigos, seus abismos de fogo.

Nenhuma ausência em ti cais da partida
Impetuosas velas, plenitude do tempo
euforia desdobrando os seus gestos na hora luminosa
do lusíada que parte para o universo puro
sem nenhum peso morto, sem nenhum obscuro
prenúncio de traição sob os seus passos.

II
Regresso

Quem cantará vosso regresso morto
que lágrimas, que grito hão-de dizer
a desilusão e o peso em vosso corpo.

Portugal tão cansado de morrer
Ininterruptamente e devagar
Enquanto o vento vivo vem do mar
quem são os vencedores desta agonia?

Quem são os senhores sombrios desta noite?
Porque agoniza morre e se desvia
A antiga linha clara e criadora
Do nosso rosto voltado para o dia?

Semi-Rimbaud

Seu rosto é uma caverna
Onde frios ventos cantam

Passa rasgando o luar
E desesperando a noite

Pelas ruas oblíquas da cidade
em madrugadas duvidosas
Constrói o mal com gestos cautelosos
E sonha a inversão total das coisas

constrói o mal com gestos rigorosos
Lúcido de vício e de noitada
íntegro como um poema
completo lógico e sem falha

A aurora desenha o seu rosto com os dedos
As sua órbitas
iguais às das caveiras
seu rosto voluntário e inventado
magro de solidão verde e intensa

Vontade de negar e não ceder
De caminhar de mão dada com o nojo
De ser um espectro para terror dos vivos
E uma acusação escrita nas paredes.

Cais

Para um nocturno mar partem navios
Para um nocturno mar intenso e azul
Como um coração de medusa
Como um interior de anémona
naturalmente
simplesmente
sem destruição e sem poemas
para um nocturno mar roxo de peixes
sem destruição e sem poemas
assombrado por miríades de luzes
para um nocturno mar vão os navios
vão
o seu rouco grito é de quem fica
no cais dividido e mutilado
e destruído entre poemas pasma.

Nocturno da Graça

Há um rumor de bosque no pequeno jardim
um rumor de bosque no canto dos cedros
sob o íman azul da lua cheia
o rio cheio de escamas brilha.
Negra cheia de luzes brilha a cidade alheia

Brilha a cidade dos anúncios luminosos
Com espiritismo bares cinemas
Com torvas janelas e seus torvos gozos
Brilha a cidade alheia

Com seus bairros de becos e escadas
De candeeiros tristes e nostálgicas
Mulheres lavando a loiça em frente das janelas
Ruas densas de gritos abafados
Castanholas de passos nas esquinas
Viragens chiadas nos carros
Vultos atrás das cortinas
Ciclopes alucinados.

De igreja em igreja batem agora os sinos
e uma paz de convento ali perdura
como se a antiga cidade se erguesse das ruínas
com sua noite trémula de velas
cheia de ventura e sossego.

Mas a cidade alheia brilha
numa noite insone
de luzes fluorescentes

numa noite cega surda presa
onde soluça uma queixa cortada.

Sozinha estou contra a cidade alheia
comigo
sobre o cais sobre o bordel e sobre a rua
límpido e aceso
o silêncio dos astros continua.

Luar

Toma-me ó noite em teus jardins suspensos
Em teus pátios de luar e de silêncio
Em teus adros de vento e de vazio.

Noite
Bagdad debruçada no teu rio
País dos brilhos e do esquecimento
Com teu rumor de cedros e teu lento
Círculo azul do tempo.

Noite

Sozinha estou entre paredes brancas
Pela janela azul entrou a noite
Com o seu rosto altíssimo de estrelas.

Passagem

O êxtase do ar e a palavra do vento
Povoaram de ti meu pensamento.

És tu que estás

És tu que estás à transparência das cidades
Vê-se o Teu rosto para além dos bairros interditos.

O mal próximo insistente
Parece tornar-Te evidente.

Sobe do destino uma sede de Ti.
Não somos só isto que se torce
Com as mãos cortadas aqui.

Lusitânia

Os que avançavam de frente para o mar
E nele enterram como uma aguda faca
A proa negra dos seus barcos
Vivem de pouco pão e de luar.

Na cidade da realidade encontrada e amada

Na cidade da realidade encontrada e amada
caminhei com a brisa pelas ruas
havia muros brancos e janelas pintadas

as madre-silvas floriam e brilhavam
os limoeiros de folhas polidas
cai uma folha de nespereira sobre o tanque

E o tempo veio ao meu encontro confundindo
os meus gestos e os teus nos seus
eram mil e mil noites uma após outra surgindo
e o meu rosto flutuava entre a manhã e a tarde

e as esquinas ergueram as suas sombras azuis
ao longo de um silêncio de árabe
e do abril dos campos veio um perfume inteiro de searas
e quando abri a porta as estrelas surgiram

Na cidade da realidade encontrada e amada
o sol dá lentamente a volta às praças e aos quartos
para varrer o chão e preparar a noite
que é redonda azul e atenta

e a porta da cidade é feita de dois barcos
Oh quem dirá o verde o azul e o fresco
o hálito da água e o perfume do vento
Vê-se a manhã criar um por uma cada coisa
vê-se quebrar a onda da noite transparente.

Brisa

Que branca mão na brisa se despede?
Que palavra de amor
A noite de Maio em si recebe e perde?

Desenha-te o luar como uma estátua
Que no tempo não fica

Quem poderá deter
O instante que não pára de morrer?

No poema ficou o fogo

No poema ficou o fogo mais secreto
O intenso fogo devorador das coisas
Que esteve sempre muito longe e muito perto